

ORPHÃO

Não ter mãe, não ter amada!
 Ai, que tristeza tamanha,
 Que dura sorte funesta!
 Nem a urze da montanha,
 E é coisa bem desgraçada,
 Teve sorte igual a esta.

Vir ao mundo e não ter mãe!
 Percorrer o mundo inteiro
 Sem um labio maternal,
 Que nos diga: — Filho, vem!...
 É como ser forasteiro
 Na propria terra natal!

E dizer que, havendo Deus,
 Fonte d'immensa piedade,
 Ha creancinhas sem berço
 E almas sem caridade!...

Ver os lyrios das campinas
 Todos cheios d'alegria,
 E tantas mãos pequeninas
 Sem o pão de cada dia!

Senhor, Senhor! Quando scismo
 Que ha muitas almas que nascem
 Sobre o cairel d'um abysmo,
 E que basta um sopro apenas
 Das tempestades do mundo
 Para as lançar lá no fundo,
 Se tem fundo essas gehenas...
 Ah! Perdoa-me, Senhor!
 Mas por dentro do meu craneo
 Passa a duvida sombria,
 Como larva immunda e fria
 Nas trevas d'um subterraneo!

Teu filho, o proprio Jesus,
 Emblema do soffrimento,
 Que morreu pregado á cruz
 Sem um unico lamento,
 Sem um grito, sem um ai,
 Teu proprio filho, Senhor,
 Teve mãe e teve pae.

Ser orphão! Não ter na vida
 Aquillo que todos tem!...
 É como ave sem ninho...
 É qual semente perdida,
 Que ao voltar do seu eirado,
 O lavrador descuidado
 Deixou tombar no caminho;
 E quando vem a tormenta
 Arrancal-a sem piedade,
 A triste não se lamenta
 Da sua triste desgraça!
 Herva da rua... Quem passa
 Póde esmagal-a á vontade!